

J. R. Ward

NA SOMBRA DO AMOR

*Um romance da Irmandade da Adaga Negra*  
*Volume VI*

Tradução  
Dina Antunes



# Capítulo 1



O feiticeiro tinha regressado. Phury fechou os olhos e encostou a cabeça contra a cabeceira da cama. Ora, o que estava ele para ali a dizer. O feiticeiro nunca se fora embora.

*Companheiro, às vezes enervas-me, disse vagarosamente a tenebrosa voz dentro da sua cabeça. A sério que me irritas. Depois de tudo o que passámos juntos?*

Tudo o que tinham passado juntos... grande verdade.

Era por causa do feiticeiro que sentia aquela ânsia por fumo vermelho, sempre na sua cabeça, sempre a martelá-lo sobre o que não tinha feito, sobre o que deveria ter feito e o que poderia ter feito melhor.

Devia. Seria. Podia.

Bela rima. A verdade era que um dos espetros do anel do *Senhor dos Anéis* o havia empurrado para o fumo vermelho, tão certo como se o filho da mãe o tivesse atado como um animal e o tivesse atirado para a traseira de um carro.

*Na realidade, companheiro, serias o para-choques dianteiro.*

Exatamente.

Na sua mente, o feiticeiro aparecia com a forma de um fantasma do anel, de pé no meio de um vasto campo ermo e desa-

bitado, cheio de crânios e ossos. Com o seu peculiar sotaque britânico, o filho da mãe assegurava-se que Phury nunca se esquecesse dos seus enganos, a contundente litania levando-o a acender um charro atrás de outro, só para não se meter no armário onde guardava as armas e engolir uma bala de calibre quarenta.

*Não o salvaste. Não os salvaste. A maldição caiu sobre eles por culpa tua. A culpa é tua... a culpa é tua...*

Phury pegou noutro charro e acendeu-o com o seu isqueiro de ouro.

Era o que no País Antigo chamavam o *exhile dhoble*.

O segundo gémeo. O gémeo amaldiçoado.

Nascido três minutos depois de Zsadist, o nascimento com vida de Phury levou a maldição da instabilidade à sua família. Dois filhos nobres, ambos a respirar, era demasiada boa fortuna e, por certo, o equilíbrio havia sido perturbado. Passados poucos meses, o seu gémeo havia sido afastado da família, vendido como escravo e, durante um século, tinham abusado dele de todas as formas possíveis e imaginárias.

Graças à cadela malvada que fora a sua ama, Zsadist tinha cicatrizes no rosto, nas costas, nos braços e no pescoço. E cicatrizes ainda piores por dentro.

Phury abriu os olhos. Resgatar o corpo físico do seu irmão não tinha sido suficiente. Haviam necessitado do milagre que era Bella para ressuscitar a alma de Z e agora ela estava em perigo. Se a perdiam...

*Então tudo voltaria ao seu lugar e o equilíbrio permaneceria intacto para a geração seguinte, disse o feiticeiro. Acreditas realmente que o teu gémeo acabaria com a bênção que representa um menino nascido vivo? Tu deves ter filhos para além de qualquer limite. Ele não deve ter nenhum. É assim que funciona o equilíbrio. Oh, e também ficarei com a sua shellan, já te tinha dito isso?*

Phury pegou no controlo remoto e pôs «Che Gelida Manina» a tocar.

Não funcionou. O feiticeiro gostava de Puccini. O fantasma do anel começou simplesmente a dançar em redor do campo de esqueletos, esmagando com as botas o que se encontrava sob os pés. Os seus pesados braços oscilavam com elegância, as suas roupas negras e rasgadas assemelhavam-se à crina arremessada para trás da enorme cabeça de um garanhão. Frente a um vasto horizonte de um cinzento frio e desumano, o feiticeiro dançava e ria.

Tão. Fodido.

Sem olhar, Phury estendeu o braço para a mesinha de cabeceira para alcançar a bolsa de fumo vermelho e as mortalhas. Não precisava de medir a distância. Aquele coelho sabia muito bem onde estavam as suas cenouras.

Enquanto o feiticeiro entoava *La Bohème*, Phury enrolou dois charros bem gordinhos para poder fumar sem interrupções e fumou enquanto preparava os reforços. Ao soprar o fumo, o que saía dos seus lábios cheirava a café e a chocolate, mas, para esquecer o feiticeiro, teria continuado a usar a mesma coisa ainda que cheirasse a lixo.

*Merda.* Estava a chegar ao ponto em que acender uma lixeira lhe teria parecido fantástico se com isso obtivesse um pouco de paz.

*Não posso acreditar que não valorizes mais a nossa relação,* disse o feiticeiro.

Phury concentrou-se no desenho que tinha no colo, naquele em que havia estado a trabalhar na última meia hora. Depois de lançar uma vista de olhos rápida ao papel, para se orientar, afundou a pena no recipiente de prata que tinha apoiado contra o quadril.

O lago de tinta no seu interior parecia o sangue dos seus inimigos, exibindo o mesmo brilho denso e oleoso. Entretanto,

no papel, era de um profundo vermelho-acastanhado e não de um negro perverso.

Nunca usaria o negro para retratar alguém que amava. Não trazia boa sorte.

Para além disso, aquela tinta cor de sangue era precisamente da cor dos reflexos do cabelo de Bella. Combinava bem com o tema.

Cuidadosamente, Phury sombreou a extensão do seu nariz perfeito, entrecruzando os finos traços da caneta até obter a densidade desejada.

O desenho a tinta era muito parecido com a vida real: um pequeno erro e ficava tudo estragado.

*Raios.* O olho de Bella não estava lá muito bem nivelado.

Torcendo o antebraço para não arrastar o pulso por cima da tinta fresca que acabara de aplicar, tratou de corrigir o engano, dando forma à pálpebra inferior de forma que a curva da mesma tivesse mais ângulo. Os seus traços marcaram delicadamente a folha de papel. Mas o olho ainda não estava bem.

Pois, não era bem assim, e ele deveria saber, tendo em conta o tempo que tinha passado a desenhá-la uma e outra vez durante os últimos oito meses.

O feiticeiro fez uma pausa a meio de um *mid-plié* e salientou que aquela rotina da pena e da tinta era uma coisa de merda.

*Desenhar a shellan grávida do teu irmão gémeo. Sinceramente. Só um perfeito idiota ficaria obcecado por uma fêmea que foi possuída pelo seu gémeo. E, ainda assim, foi o que fizeste. Deves estar muito orgulhoso de ti mesmo, companheiro.*

Sim, o feiticeiro sempre tivera aquele sotaque britânico por alguma razão.

Phury fez outro traço e inclinou a cabeça para um lado para ver se uma mudança de perspetiva ajudava. Não. Ainda não estava bem. E, para ser franco, nem o cabelo. Por alguma razão, tinha desenhado Bella com o seu comprido e escuro cabelo apa-

nhado num puxo, com madeixas soltas junto às maçãs do rosto. Ela usava-o sempre solto.

Tanto fazia. Fosse como fosse, ela era mais do que adorável e o resto do seu rosto estava como habitualmente o retratava: o seu olhar afetuoso dirigido para a direita, as pestanas delineadas, a exibir uma combinação de entusiasmo e devoção.

Zsadist sentava-se à sua direita na mesa de refeições para que a mão que utilizava para lutar estivesse sempre livre.

Phury nunca a desenhava a olhar para ele. O que fazia sentido. Na vida real também nunca tinha atraído o seu olhar. Estava apaixonada pelo seu irmão gêmeo, e nunca teria alterado isso, nem por todo o desejo que sentia por ela.

A área do desenho ia da parte alta do puxo até aos ombros. Nunca desenhava o seu ventre de grávida. As fêmeas grávidas nunca eram retratadas do esterno para baixo. Isso também não trazia boa sorte. Para além de representar um lembrete daquilo que mais temia.

As mortes eram frequentes nos partos.

Phury passou a ponta dos dedos pelo rosto, evitando o nariz, onde a tinta ainda estava fresca. Era bonita, mesmo com o olho que não estava perfeito, com o cabelo diferente, e os lábios que eram menos cheios.

Aquele estava terminado. Era altura de começar outro.

Deslocou a mão para a parte inferior do desenho e começou a desenhar a curva da hera na curva do ombro. Primeiro uma folha, depois um caule... agora mais folhas, inclinando-se e engrossando, cobrindo-lhe o pescoço, amontoando-se junto ao queixo, chegando-lhe à boca, estendendo-se sobre o seu rosto.

Ida e volta até ao recipiente da tinta. A hera a apoderar-se dela. A hera a tapar os traços da sua pena, a ocultar-lhe o coração e o pecado alojado nele.

O mais difícil para ele era cobrir-lhe o nariz. Essa era sempre a última coisa que fazia e apenas quando já não podia evitá-

-lo por mais tempo. Sentia sempre os pulmões a arder, como se fosse ele que se visse impedido de respirar.

Quando a hera cobriu a imagem, Phury amarrotou o papel numa bola e atirou-a para o cesto de papéis que se encontrava no outro extremo do quarto.

Em que mês estavam... agosto? Sim, era agosto. O que significava... que ainda tinha um ano de gravidez pela frente, partindo do pressuposto que conseguisse levá-la a bom termo. Como muitas fêmeas, já estava de repouso na cama, uma vez que o parto prematuro era motivo de grande preocupação.

Esmagando a ponta do charro, estendeu a mão para agarrar o último que tinha enrolado anteriormente e deu-se conta que já tinha fumado os dois.

Esticou a única perna inteira, afastou o cavalete de desenho para o lado e voltou a pegar no seu *kit* de sobrevivência: uma bolsinha de plástico com fumo vermelho, um fino pacote de mortalhas e o isqueiro de ouro. Em poucos minutos enrolou um novo e, enquanto inalava a primeira baforada, avaliou a sua reserva.

*Merda.* Era escassa. Muito escassa.

As venezianas de ferro que destapavam as janelas acalmaram-no. A noite, em toda a sua obscura glória, tinha chegado e, a sua chegada, dava-lhe a liberdade de abandonar a mansão da Irmandade... e a possibilidade de ir ter com o seu distribuidor, Rehvenge.

Arrastou a perna que não tinha pé nem tibia para fora da cama e esticou-se para alcançar a prótese, ajustou-a por baixo do joelho direito e levantou-se. Estava atordoado o suficiente para sentir que o ar que o rodeava era como algo que tivesse de atravessar e a janela para a qual se dirigia parecesse estar a quilómetros de distância. Mas estava tudo bem. Sentia-se confortado pela habitual confusão, aliviado pela sensação de flutuar enquanto caminhava nu pelo quarto.

O jardim lá em baixo estava resplandecente, iluminado pela luz que emanava do conjunto de portas da biblioteca.

*Era assim que devia ser uma vista das traseiras*, pensou. Com flores viçosas, cheias de vida, as árvores carregadas de frutos, os caminhos limpos, os arbustos podados.

Não era nada parecido com aquele onde crescera. Nada mesmo.

Mesmo por baixo da sua janela, as rosas de chá estavam em plena floração. As suas densas corolas irisadas sustentando-se orgulhosamente sobre os caules espinhosos. As rosas levaram o seu pensamento para outra fêmea.

Enquanto Phury aspirava de novo o fumo, imaginou a sua fêmea, a que teria todo o direito de estar a desenhar... com a qual, de acordo com a lei e os costumes, deveria estar a fazer muito mais do que apenas desenhar.

A Escolhida Cormia. A sua primeira companheira.

Entre quarenta.

Bolas, como diabo tinha acabado como *Primale* das Escolhidas?

*Eu avisei-te*, respondeu o feiticeiro. *Vais ter uma infinidade de filhos, e todos terão a enorme alegria de ter como exemplo um pai cujo único mérito foi decepcionar todos os que o rodeavam.*

Okay, por mais irritante que o filho da mãe conseguisse ser, a verdade era que tinha razão. Não tinha acasalado com Cormia, como exigia o ritual. Não regressara ao Outro Lado para ver a *Directrix*. Não conhecera as trinta e nove fêmeas que devia fecundar.

Phury fumou com mais avidez, o peso daquelas merdas insignificantes a aterrar sobre a sua cabeça, pedregulhos arremessados pelo feiticeiro.

O feiticeiro tinha uma excelente pontaria. Mas, para falar a verdade, o que não lhe faltava era prática.

*Bom, companheiro, és um alvo fácil. E não há muito mais a dizer sobre isso.*

Ao menos, Cormia não estava a queixar-se pelo abandono dos deveres. Não havia desejado ser a Primeira Companheira, tinha sido obrigada a aceitar esse papel: no dia do ritual tiveram de amarrá-la à cama cerimonial, estendida para seu uso como um animal, absolutamente aterrorizada.

No instante em que a viu, entrou no modo em que vinha programado, salvador absoluto. Levara-a para ali, para a mansão da Irmandade da Adaga Negra, e alojara-a num quarto contíguo ao dele. Tradição ou não, ninguém o ia obrigar a forçar uma fêmea e pensou que, se tivessem algum tempo para se conhecer, as coisas seriam muito mais fáceis.

Mas... *não*. Cormia tinha-se mantido reservada, enquanto ele se ocupava da sua tarefa diária que era a de tentar não implodir. Nos últimos cinco meses, não haviam voltado a estar juntos e nem sequer se aproximaram de uma cama. Cormia raramente falava e só aparecia para as refeições. Se saía do quarto, era para ir à biblioteca buscar livros.

Envergando uma túnica branca larga, assemelhava-se mais a uma sombra com perfume de jasmim do que a algo feito de carne e osso.

Todavia, a vergonhosa realidade era que estava satisfeito com o estado atual das coisas. Acreditara estar consciente do compromisso sexual que assumira ao tomar o lugar de Vishous como Primale, mas a realidade era bem mais intimidante do que havia sido o conceito. Quarenta fêmeas. Quarenta.

Quatro e zero.

Devia estar passado da cabeça quando assumiu o lugar de V. Deus sabia que a sua primeira tentativa de perder a virgindade não tinha corrido muito bem... e isso fora com uma profissional. Se bem que ter tratado do assunto com uma prostituta talvez tivesse sido parte do problema.

Mas quem mais poderia ter procurado? Era um celibatário ignorante com duzentos anos de idade. Queriam que ele se lan-

çasse sobre a adorável e frágil Cormia, bombeasse dentro dela até se vir e depois saísse disparado para o Santuário das Escolhidas e fizesse como Bill Paxton na série *Big Love*?

Em que diabo estava ele a pensar?

Phury colocou o charro entre os lábios e abriu a janela. Quando o denso aroma daquela noite de verão deslizou para o interior do seu quarto, ele voltou a pensar nas rosas. Apanhara Cormia com uma, há uns dias, que evidentemente tinha tirado do ramo que Fritz colocava sempre na salinha de estar do segundo andar. Estava de pé frente à jarra, a pálida rosa cor de alfazema segura entre dois dedos, a cabeça inclinada para o botão, o nariz a pairar sobre a inflorescência. Do seu cabelo louro, que trazia sempre apanhado no cimo da cabeça, haviam escapado umas delicadas madeixas que caíam para a frente e se curvavam formando um caracol natural. Tal como as pétalas da rosa.

Ela assustara-se quando o descobriu a olhar fixamente para ela e colocou a rosa de novo na jarra, regressando rapidamente ao seu quarto e fechando a porta sem fazer barulho.

Sabia que não podia mantê-la ali para sempre, longe de tudo o que lhe era familiar e de tudo o que ela era. E tinham de completar a cerimónia sexual. Era esse o acordo que ele tinha feito e era esse o papel, pouco importava quão assustada estivesse ao início, que ela estava pronta para desempenhar.

Olhou para a sua mesa e observou um pesado medalhão de ouro do tamanho de uma caneta de tinta permanente. Cinzelado com uma velha versão da Língua Antiga, era o símbolo do Primale: não apenas a chave de todos os edifícios do Outro Lado, mas também o cartão de visita do macho responsável pelas Escolhidas.

A força da raça, como era conhecido o Primale.

O medalhão havia voltado a tocar hoje como o fizera anteriormente. De cada vez que a Directrix o convocava, a coisa

vibrava e, teoricamente, ele devia arrastar o traseiro para o que deveria ter sido o seu lar, o Santuário. Ignorara as convocatórias. Como fizera às outras duas.

Não tinha a menor vontade de ouvir aquilo que já sabia: cinco meses sem selar o pacto que fizera na cerimónia do Primale era abusar da situação.

Pensou em Cormia, fechada naquele quarto de hóspedes ao lado do seu, reservada. Sem ninguém com quem falar. Longe das suas irmãs. Tentara aproximar-se dela, mas deixava-a nervosa e assustada. E era compreensível.

Bolas, não fazia ideia de como conseguia ela passar o tempo sem ficar louca. Precisava de uma amiga. Toda a gente precisa de amigos.

*Bem, nem toda a gente os merece,* salientou o feiticeiro.

Phury voltou-se e dirigiu-se ao chuveiro. Ao passar junto do cesto de papéis, deteve-se. O seu desenho tinha começado a desembrulhar-se da bola que ele tinha formado com o papel e, por entre a amarrotada confusão, viu a cobertura de hera que tinha acrescentado. Por segundos, recordou o que estava por baixo, lembrou-se do cabelo apanhado e das madeixas que caíam sobre a face. Madeixas que possuíam a mesma curvatura das pétalas de uma rosa.

Abanou a cabeça e continuou o seu caminho. Cormia era encantadora, mas...

*Desejá-la seria apropriado,* acrescentou o feiticeiro. *Por isso, porque haverias de seguir esse caminho. Pode arruinar o teu perfeito recorde de sucessos. Oh, espera, eu queria dizer de asneiras, companheiro. Não é assim?*

Phury aumentou o volume da música e meteu-se no duche.